

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Maria Fernanda Fábrica Fauaz

Entrevistada: Inêz de Fátima Lisboa Fábrica

São José do Rio Preto, 9 de maio de 2025

Duração: 42 minutos

Realizada em nossa casa, São José do Rio Preto, São Paulo

ENTREVISTA COM INÊZ DE FÁTIMA LISBÔA FÁBRICA

Maria: Vou começar. Fecha lá.

Inêz: Meu nome é Inêz de Fátima Lisboa Fábrica. Moro em São José do Rio Preto. Hoje é 9 de maio de 2025. E autorizo a gravação dessa publicação.

Maria: Publicação da entrevista.

Inêz: Publicação da entrevista.

Maria: Qual que é a sua comida favorita?

Inêz: É o trivial, filha. Arroz, feijão... (risada). Uma carninha, um peixe, um frango. Aí vai mudando.

Maria: Mas é a sua comida favorita de fazer ou de comer?

Inêz: É de comer. Agora, fazer tem várias opções, uma variedade de comida.

Maria: De onde que vem o nome Inêz de Fátima?

Inêz: Foi nome dado pelos meus pais.

Maria: Você sabe por que eles escolheram?

Inêz: Meu nome Inêz foi minha mãe que escolheu. E meu pai escolheu Fátima. Então ficou Inêz de Fátima.

Maria: Onde que você nasceu?

Inêz: Eu nasci em Lavínia, dia 10 de agosto de 1953. Num sítio chamado Barreirão.

Maria: Barreirão?

Inêz: Barreirão.

Maria: Você tinha algum bicho?

Inêz: Sempre nós tivemos cachorro. Sempre teve cachorro.

Maria: E o que tinha no sítio?

Inêz: No sítio tinha criação de porcos, criação de galinha... gado. É o que na época tinha no sítio.

Maria: Tinha fruta no sítio?

Inêz: Tinha. Nos dois sítios que eu morei tinha um pomar, uma variedade de frutas, como: Laranja, tangerina, limão, abacaxi, abacate, jabuticaba, uma infinidade de frutas... Banana, mamão.

Maria: Você não precisa falar como se fosse para a entrevista, você pode falar conversando comigo. Ta?

Inêz: Ta.

Maria: Não precisa ficar nervosa. Me conta como que foi a sua infância.

Inêz: Minha infância? Até os 9 anos eu morei no sítio, na zona rural. Eu sou a mais velha de 5 irmãos. Então ajudei muito a minha mãe a cuidar dos meus irmãos, com 6 anos, 5 anos, já carregava em colo já. Inclusive às vezes ajudava até no banho. Então ajudava a cuidar das criações, dar milho para as galinhas, escolher um arroz, escolher um feijão... moer o café, porque naquela época não se comprava café, torrava em casa, a gente moía em casa para poder fazer. Então todo dia tinha café para moer.

Maria: Você tinha alguma brincadeira?

Inêz: Tinha. A brincadeira daquela época... brincar de roda, amarelinha, pular corda, esconde-esconde, bola queimada.

Maria: Bola queimada?

Inêz: Bola queimada. Eu era muito boa na bola queimada. Todo mundo queria eu no partido (risada) ... no time deles. Tinha muita força para jogar bola.

Maria: Tinha alguma história... O vô falou que tinha história de assombração no sítio, você conhece alguma história?

Inêz: Ah, os mais velhos falavam que a noite tinha lobisomem (risada). Que era um cachorro muito grande que ficava andando pelo quintal, mas isso era só na imaginação.

Maria: Você já viu o Saci?

Inêz: Não. (rindo) nem quero ver.

Maria: Qual a sua lembrança mais feliz de crescer?

Inêz: Crescer? Olha, eu tive uma infância muito boa, de muito aprendizado. Eu morei com as duas avós, a avó materna e a avó paterna, para poder estudar, porque no sítio onde eu morava não tinha escola. Então eu precisei morar com meus avós, mesmo assim eles moravam no sítio, mas era próximo da cidade. Então ali aprendi muito. Às vezes ficava triste porque estava longe dos irmãos, mas foram de 3 a 4 anos nesse ritmo.

Maria: Quantos anos você tinha quando foi morar com elas?

Inêz: 7 anos.

Maria: 7? E ali em Lavínia?

Inêz: Em Lavínia. Mas no sítio... E aí eu estudava em Lavínia. E meus irmãos moravam em outro bairro que era bem distante da cidade... E aos 9 anos meu pai mudou para a cidade, porque meus irmãos estavam tudo na época de escola. Então o meio mais fácil era ele ir todo dia pro sítio e a gente ficar na cidade. Foi aí que eu voltei a morar com meus pais.

Maria: E só foi você dos irmãos que foi morar com elas?

Inêz: Foi eu e um dos meus irmãos, que é a seguida a mim. Mas ele ficou só um ano, aí ele voltou para morar com meus pais, ele não se adaptou.

Maria: O Ivo ou o Wilson?

Inêz: O Ivo.

Maria: Como que era sua vida em Lavínia?

Inêz: Na cidade? Tinha um roteiro. Durante a semana a gente ia para a escola, estudava de manhã. É... Quando foi para o ginásio, tinha educação física à tarde duas vezes na semana. Tinha aos finais de semana, era ir para a missa e ia a família inteira para a igreja, no sábado ou no domingo. Então a gente tinha uma rotina, de sempre estar todo mundo junto, a família sempre junto. E final de semana, às vezes reunia os avós, os tios, para a gente almoçar junto.

Maria: Quando você foi morar com seus avós, era no sítio também?

Inêz: Mais perto da cidade. Mesmo assim, tinha em torno de 2 quilômetros para ir e 2 para voltar. Estrada de terra e ia cortando pasto, cafezal. Naquela época tinha muito café na região. Agora, na minha avó materna, era uma chácara bem próxima da cidade. Então já era bem pertinho.

Maria: E só moravam vocês duas?

Inêz: Meu avô e meu tio.

Maria: Então você começou a estudar na escola em Lavínia?

Inêz: Lavínia.

Maria: E quando você começou o ensino superior?

Inêz: Aí, quando eu me casei, vim morar para São José Rio Preto. E lá em Lavínia eu fiz ginásio, o colegial e fiz o magistério. Eu me formei com a escola normal, antigamente. Eu fiz magistério lá e em seguida já vim para Rio Preto. Aí eu fiz pedagogia e... depois de bastante tempo, aí que eu fui fazer uma pós em psicopedagogia e fiz didática do ensino superior.

Maria: Como você conheceu seu marido?

Inêz: Lá em Lavínia, também era de Lavínia. E é uma história assim: Ele é sobrinho da irmã do meu pai. Então a gente se conheceu na casa dela. Mas... a gente tinha pouco contato, sabe? Mas daí nós namoramos 6 anos e meio, quase 7 anos, e depois nós casamos... aí nós casamos e viemos morar para Rio Preto, com a cara e a coragem (risada).

Maria: Vocês ficavam paquerando na casa da sua tia, então? (risada).

Inêz: É.

Maria: Quem te ensinou a costurar?

Inêz: A respeito da costura, eu sempre me dediquei à costura. A partir dos 12 anos eu via minha mãe costurar, minha tia, prima, então já ficava toda empolgada. Mexia na máquina, ajudava minha mãe às vezes fazer uma barrinha, e assim eu fui aprendendo. Aos 15 anos, entrei numa escola de corte de costura, aí eu aprendi o básico. Cheguei até a fazer roupa para fora, virei uma costureira.

Maria: Com 15 anos?

Inêz: Sim. Aí as minhas amigas de sala falavam, "agora cê vai costurar para a gente, cê vai costurar para a gente!". Aí fiz vários vestido pra elas. Costurava para mim, pra minhas irmãs.

Maria: Você era costureira da casa?

Inêz: Eu era costureira... eu e minha mãe. Quando uma não sabia um negócio, ensinava o outro. E assim foi a nossa...

Maria: A tia Ilma sempre reclama que ela pedia para você ensinar ela a fazer crochê, e ela teve que aprender olhando você fazer. Que você não queria.

Inêz: Eu aprendi a fazer crochê com 12 anos.

Maria: Foi?

Inêz: Eu ia na... fiquei uma semana na casa da minha avó materna. Que a minha tia, que é a nora dela, ela me ensinou. Aí eu fiz crochê, depois fui fazendo, aprendendo sozinha, vendo minhas amigas fazer e fui fazendo. Mas a minha área mesmo é a costura. Eu adoro costurar.

Maria: Então você trabalhou muito tempo como costureira?

Inêz: Não muito, porque em seguida eu casei, aí eu não tinha máquina de costura. Aí um dos padrinhos... vou contar um relato aqui: Eles ficaram de me dar o presente de casamento. Aí eles perguntaram para mim se eu tinha alguma preferência, se eu estava precisando de alguma coisa. Aí eu disse, aí o que eu preciso, que eu não posso comprar agora, é a máquina de costura. Aí eles me deram uma máquina de costura. Nossa, fiquei realizada!

Maria: De presente de casamento?

Inêz: Presente de casamento.

Maria: Quem era o padrinho?

Inêz: César Casseb e Pinha. Então eles mandaram eu comprar, eu fui até a loja, comprei e fiquei realizada.

Maria: Com quantos anos você veio para Rio Preto?

Inêz: 21 anos.

Maria: Foi quando você casou?

Inêz: Sim.

Maria: E vocês vieram por quê?

Inêz: Porque ele já dava aula na faculdade aqui. Então ele já tinha uma profissão aqui como professor. Então o melhor meio era vir para Rio Preto, porque já tinha um serviço fixo aqui. Tanto é que nessa empresa ele trabalhou, meu marido trabalhou 45 anos. Como professor, coordenador de curso, pró-reitor da comunidade. Então ele teve várias funções nessa empresa.

Maria: Qual foi a maior diferença para você na mudança para a cidade grande?

Inêz: Ah, estranhei muito. Porque a cidade que eu morava era muito pequenininha, população em torno de 5 mil habitantes. Cê chegar numa cidade, que naquela época, creio eu que já tinha mais de 100 mil habitantes. Porque hoje está com mais de 500 mil habitantes, em 2025. E lá a cidade permanece com 7 mil habitantes ainda. Então, foi difícil.

Maria: O que você mais estranhou?

Inêz: Falta da família. Tinha poucos amigos aqui, aí foi onde que eu comecei a fazer faculdade e conheci pessoas, assim... jovens como eu. Na época, umas já eram de certa idade, outras já eram mãe. Então, a sala de aula do curso de pedagogia, nós éramos de mais ou menos uns 50 alunos. Tinha umas 15 ou 20 pessoas acima de 40 anos na época, então era uma sala bem diversificada. Então... era do jovem até o adulto já mais amadurecido.

Maria: Como foi o seu início na educação? O que te levou a ser professora?

Inêz: Eu optei em fazer pedagogia porque eu já tinha o magistério. Mas assim que eu terminei o curso, aí eu dei aula muito pouco tempo, no primário e também dei um ano... um ano e pouco no fundamental. Mas como eu tinha os filhos pequeno, então às vezes nem compensava. Sair de casa para trabalhar, sabe? Porque era meio difícil, eu mal vinha para ajudar, para colaborar em casa. Mas mesmo assim, trabalhei vários anos.

Maria: Você começou a trabalhar na mesma faculdade que o vô também?

Inêz: Sim. Aí como eu ficava em casa, então eu comecei a trabalhar com prestação de serviço em costura. Fazia ajustes nas roupas. Aí de repente eu falei: Não, por que fazer ajustes nas roupas se eu sei fazer o básico? Aí montei uma confecção. Fiquei com a confecção durante 10 anos. Trabalhei bastante, vendi bastante, graças a Deus. Aí quando eu fechei a confecção, eu recebi um convite para trabalhar na faculdade, onde o meu marido trabalhava. Aí eu fui para lá, fiquei 17 anos trabalhando na faculdade. Aí me aposentei, aí voltei para casa. Trabalhar em

casa, como trabalho assim fazendo artesanato. Coisa de cozinha, guardanapo, toalha de mesa, pano de prato...

Maria: Na faculdade você foi chamada para ser professora? No que você trabalhou?

Inêz: Não, eu fui convidada para trabalhar no setor administrativo. Aí no início eu fui para trabalhar na biblioteca. Fiquei um ano trabalhando no acervo da biblioteca. Depois que eu fui assessorar o programa da Alfabetização Solidária. Então eu mudei de setor. Nesse setor eu fiquei 5 anos trabalhando com alfabetização. Depois, é... como encerrou o curso, aí fui trabalhar... aí me passaram para eu ajudar nos estágios, conferência de estágio. Aí fiquei até quando aposentei. E mesmo assim ainda trabalhava com certificação de semanas acadêmicas. Trabalhei em torno de uns 9, 10 anos com certificação. Era sempre... no começo, era tudo manual. Depois que virou a certificação digital.

Maria: E você teve dificuldade nesses anos na faculdade?

Inêz: Não, dificuldade não. É uma coisa que eu aprendi a fazer, gostava de fazer. Eu me dedicava bastante atendendo os alunos. Fiz um vínculo de amizade muito grande entre alunos e funcionários, professores. Tinha acesso com os supervisores de estágio, coordenador de curso. Então foi um trabalho bem gratificante.

Maria: Como começou essa participação no projeto da alfabetização solidária?

Inêz: Começou assessorando o coordenador da Alfabetização Solidária, que na época era meu marido. Então eu trabalhava assim... agendando viagens, entrando em contato com os alunos que tinham disponibilidade para viajar, que eles tinham que ficar 5 dias. Geralmente essa viagem saía no domingo e voltava na sexta. Então pra conferência e verificação do aprendizado dos alfabetizando nas comunidades carentes.

Maria: Onde vocês ficavam quando vocês iam nas viagens?

Inêz: Ish, era bem diversificado hein. Às vezes, muito raro ficarmos em um hotel. Nem toda cidade tinha um hotel. A gente ficava na casa de coordenador, na casa de alfabetizadores. Então... mas a gente já fazia essa viagem com tudo programado aonde ia ficar.

Maria: Quem pagava essas viagens?

Inêz: O próprio Alfabetização Solidária.

Maria: O governo pagava?

Inêz: O governo pagava. Era as empresas participantes, né. E o aluno da faculdade que ia nesse projeto recebia uma bolsa, de ajuda. Essa bolsa de ajuda era para a alimentação dele. E... como que eu posso dizer? Então, os lugares onde a gente ia, era muito carente, com muita dificuldade. Muita dificuldade de acesso ao município. Acesso às comunidades onde a gente realizava a visita. As reuniões geralmente eram na Secretaria de Educação do município. Com os alfabetizadores. E o coordenador do curso e o monitor do curso.

Maria: Me conta do contato que vocês tiveram com as pessoas. Tem alguma história?

Inêz: Tem sim. O que a gente via, quando a gente chegava, por exemplo, lá no Nordeste, dava a impressão que você estava em outro mundo. Porque a dificuldade era muito grande, muito grande. Muito desafiadora. Mas em momento algum desistimos dessas tarefas, sabe? Nós fomos até o final do projeto. Depois desse projeto, os próprios estados que pegaram os municípios para dar a coordenação e dar o amparo aos alfabetizadores. Então foi aonde que parou as viagens. Mas tem municípios que eu tenho contato até hoje, como os coordenadores do curso. Porque o Facebook ele deu... ampliou muito, abrangendo o total das comunidades, do meio de comunicação na parte digital. Então foi onde a gente foi tendo contato. Então eu tenho contato com vários coordenadores de curso e é muito bom, muito bom mesmo.

Maria: O que mais te marcou dessa experiência?

Inêz: Ai... A dificuldade deles lá. Muito. Tem município que nem tanto, mas tinha município que tinha muita dificuldade. Eles não tinham... A situação era precária mesmo, sabe? Cheguei a conhecer família que tinha 9 filhos, 11 filhos! Não tinha, assim... Por exemplo, uma cama de solteiro, dormia 2, 3 irmãos juntos, porque uma que a casa não tinha espaço, e uma que eles não tinham condições de dormir... de comprar, né? Então, a situação lá era... foi um aprendizado muito grande para a vida da gente, muito mesmo. Para começar, comida diferente da nossa, tempero diferente. Então, mas graças a Deus, aos poucos nós fomos nos adaptando a tudo que eles ofereciam para a gente.

Maria: O que você acha que você levou para você, de ter participado?

Inêz: Ai, eu só tenho a agradecer de ter podido participar desse projeto, porque nós trabalhamos no estado da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Piauí. Então, ao todo foram mais ou menos mais de 30 municípios que a gente convivia e participava né, do projeto lá com eles. Então, foi uma escola para a gente, foi uma escola. Eu, pelo menos, o pessoal que viajava, a gente só tinha a

agradecer, porque aqui no estado de São Paulo a gente tinha tudo. Então, foi um aprendizado muito grande.

Maria: Me conta aquela história que você me contou, que na sala de aula vocês ficaram dando risada. Eu não lembro direito.

Inêz: Ah, sim. Quando a gente fazia visita, essas visitas eram noturnas, porque o curso funcionava à noite. Então, a gente saía de caminhão pequeno, porque eles não tinham uma condição, por exemplo, um meio de transporte adequado. Então, era bem precário mesmo. A gente ia até as comunidades, às vezes assistia aula com o alfabetizador, a gente era muito bem recebido, eles já sabiam que ia acontecer a visita. Aí eles já levavam de casa um bolo, um salgado, para oferecer para o coordenador que ia estar aqui de São Paulo para lá. E numa das salas, a professora estava... a alfabetizadora estava dando orientação sobre audição... paladar... E ela desenhou vários... por exemplo, desenhou uma boca na lousa, colocou uma foto, uma boca com o olho. Aí ela escreveu “com o ouvido”, né. Aí uma coordenadora ficava assim: “isso daqui corresponde”, por exemplo, “a boca corresponde ao quê?”. A sala tinha que falar “paladar”. É... O nariz? O cheiro. E teve um relato que na hora que ela colocou o ouvido na sala, um dos alfabetizadores gritou bem alto: Zoreia! Então, isso marcou muito, sabe? Eu e a outra coordenadora que estava na sala, na hora nós aguentamos firme, sabe? Mas depois a gente só olhava uma pra outra e só ria. Porque tínhamos comentado, falado sobre o ouvido, falamos “ouvido” o tempo todo. No momento de perguntar, o moço grita lá, “zoreia”. Foi como se estivesse brincando em sala de aula. Olha... E isso foi só um dos casos, porque a gente sempre tinha situações diferentes. Então...

Maria: Conta mais.

Inêz: Ai agora Maria não lembro, porque já faz tempo. Já faz o quê? 20 anos? É, faz 19 anos que nós encerramos a nossa continuação.

Maria: Me conta então do seu artesanato.

Inêz: Então, eu me aposentei, parei de trabalhar, aí eu fiquei assim... inútil, né? Sem saber o que fazer da vida. Aí comecei, comprei uns panos de prato e comecei a fazer os panos de prato. Tem... divulgo no Instagram, no Face e graças a Deus tá indo bem. É uma coisa assim que eu faço no meu momento de folga, é uma coisa que eu fico presa naquilo ali. Então, mas quase que todo dia eu tô costurando.

Maria: O dia inteiro?

Inêz: O dia inteiro! Às vezes começa às 9 da manhã e vou até às 5 da tarde. Paro pra almoçar, fazer o almoço e já pego firme.

Maria: Me conta da sua cozinha, que você falou que vai pro céu com você.

Inêz: Minha cozinha? Ah sim! Nós reformamos uma casa e onde era a copa nós fizemos uma cozinha. E tem uma outra cozinha aqui, inclusive onde a gente tá, que precisava também de uma reforma. Mas eu fiquei tão esgotada da reforma, mas tão cansada, que não é fácil lidar com essa prestação de serviços. Que eles queriam fazer a reforma aqui. Eu falei, não, não! Vocês só vão fazer a reforma aqui... eu quero assistir lá do céu. Aqui ninguém vai mexer, não (rindo). Graças a Deus, mas tá boa, tá bonitinha, dá pra levar longe ainda. Muito tempo. Tá, Maria? Maria gosta desse cantinho também.

Maria: Eu gosto. Minha parte favorita é o azulejo da parede.

Inêz: Ela não gosta muito que fica reformando, não. Ela gosta que fica cultivando as coisas antigas. Então esse cantinho vai ficar aqui ó, de lembrança.

Maria: Esse corredor também, com sua hortinha.

Inêz: É, com as minhas plantinhas ali.

Maria: Como você acha que criar teve presença na sua vida? Porque eu vejo você como uma grande criadora. Você costura, você tem o seu artesanato, você cozinha, você criou filho, você educou muita gente... Como você acha que foi... que tem essa presença da criação na sua vida?

Inêz: Ai... já vem de berço, né, vem da família, né. Então é uma coisa que a gente vai passando de um pra outro. Final de semana a gente procura se reunir, ficar junto. Na parte do meu artesanato, final de semana eu não mexo. Esses dias é especial pra família. Eu procuro desenvolver... às vezes, algum projetinho em cima da costura. Gosto muito de cozinhar. Aqui as panela é grande, final de semana é muita comida. Fazer bolo de aniversário, né Maria?

Maria: Fazer pão pra gente comer.

Inêz: Ah, e fazer pão! Fazer pãozinho caseiro, que eles amam, bolo de vó.

Maria: O que você acha que é a nossa herança?

Inêz: A nossa herança? Eu creio que no meio que a gente tá convivendo agora, a melhor herança é a educação que a gente tem que dar pros filhos. É a formação deles, os estudos, porque é daí

que eles vão ter depois o seu ganha pão. Formar a sua família e ter um desempenho bom na criação também dos teus filhos.

Maria: Eu vejo muito de você em mim também.

Inêz: É.

Maria: Mas também...

Inêz: A Maria é xerox da vó (risada).

Maria: Eu acho que tem... tem alguma coisa que faz parte de mim também. A sua mão de artesã.

Inêz: Ela gosta também de...

Maria: Não, mas não é de mim. É de você. Fala de você.

Inêz: Então... mas isso... essa parte de artesanato, de criar, observar... eu sempre fui muito observadora, desde criança. Tenho paixão por tecidos desde criança. Ia loja com a minha mãe, eu já ficava doida para ela comprar aquele tecido. Ela já comprava e fazia vestido para mim, para as irmãs. Então, eu acho que o artesanato já nasceu em mim, essa parte de costura. Na parte de comida, não. Porque a minha mãe nunca deixou a gente fazer comida. Ela que fazia. Então, eu fui fazer mesmo depois que casei. Aí fui botar a barriga no fogão e tem que aprender a fazer né. Querendo ou não, tinha que fazer.

Maria: Tá acabando as perguntas, só tem mais uma... O que faz casa para você?

Inêz: O que faz casa? Em que sentido?

Maria: O que você acha que forma um lar?

Inêz: Ó, para formar um lar... uma família viver em harmonia, tem que ter muita dedicação, muita paciência, muita compreensão. Então, a gente tem que se dedicar muito aos filhos, ao companheiro. Porque ninguém é perfeito. Então, sempre alguma coisinha acontece. Mas a gente tem que levar muitas coisas em consideração. Então, relevar muitas coisas... E é um aprendizado que a gente tem. Porque cada dia é um dia. Então, hoje está tudo bem, tudo tranquilo. Amanhã já tem algumas coisinhas que te incomodam. Mas a gente vai, na parte de compreensão, a gente vai tentando amenizar o máximo possível. Para poder ficar tudo em harmonia. Com a família, com os filhos, os netos, as pessoas que te ajudam em casa. Então, a compreensão e a dedicação, eu acho que é fundamental.

Maria: Você teve essa mudança de casa 2 vezes na sua vida. E o que você... A minha pergunta é mais, o que você acha que fez você se sentir em casa? Você sair da casa com seus irmãos e ir para a casa da sua vó... depois você vir para uma cidade nova. Então, o que você acha que fez... que veio junto com você?

Inêz: Então, olha, eu tava fazendo os cálculo outro dia. Com a minha mãe e meu pai, eu convivi 21 anos. Com 21 eu casei. Agora, com a minha família, eu já to há 51 anos. Então, a mãe a gente nunca perde o vínculo. É um amor incondicional. Mas a gente tem que dedicar muito à família da gente. Ser firme... no que você quer, no que você precisa. É... ter assim, muita compreensão em tudo que a gente faz. Porque pra uma casa funcionar bem, a pessoa que mora ali dentro também tem que ter muito amor no que faz. Amor ao próximo. Amor ao trabalho, dedicação nos afazeres de uma casa, que não é fácil. Mas a gente tem que se empenhar e colocar a coisa para funcionar. Então, a casa da gente é o lugar mais abençoado que a gente tem. Então, a gente tem que se dedicar ao máximo pra que vive tudo em harmonia.

Maria: Acho que é isso. Tem mais alguma coisa que você quer falar? Que você lembrou enquanto você falava?

Inêz: Não, Maria. Do que você perguntou, creio que tava no que eu falei mesmo.

Maria: Não tem nada que você quer contar?

Inêz: Não, o que eu quero falar é que eu tenho 3 filhos, tenho 5 netos. Me dedico bastante a eles, procuro sempre estar junto, principalmente final de semana. Faço um cafezinho da tarde... ou então um almoço participativo de todos eles. Mas a gente sempre tá unidos e juntos, sabe? Então é uma coisa que eu levo pra vida, isso daí é a união da família. Então... estranhei muito quando a Maria Fernanda foi morar em São Paulo, porque começou... é mais difícil de encontrar, não é todo final de semana que a gente tá junto. Mas é o que tá designado pra cada um, né? Procurar aquilo que... te faz melhor, que te atende. Então a gente não tem o que reclamar, a gente tem que agradecer mesmo.

Maria: Você também se perde nas horas junto com a família?

Inêz: É, sim.

Maria: Acho que é isso, vó. Eu queria agradecer a você.

Inêz: Obrigado, Maria.

Maria: Por ter disposto do seu tempo, da sua vontade de fazer isso comigo.

Inêz: Amém, eu só tenho a agradecer... você ter escolhido esse curso, que é o que você sempre gostou, desde pequenininha vem desenhando, pintando... sempre gostou dessa parte aí. E foi o que você escolheu. Então que você tenha bastante sorte, que seja um profissional iluminado.

Maria: Obrigada.

Inêz: Te amo.

Maria: Eu também te amo (risada). Vou parar então. Ó! Saiu o sol bem na hora, junto com a gente.